



Tema:  
"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO  
NA UNIMEP"



## 11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

### DOLOR ES

Autor(es)

BRUNO PIRES DE OLIVEIRA

Contos / Cricas

Cabisbaixa, pensativa, caminhando lentamente e carregando uma catadura de fomentar pena, Dolores fazia jus ao seu nome. Nas ruas, as pessoas, sempre paradoxais, miravam-na e sofriam perante o seu tétrico aspecto. Ela própria, aliás, além de semear a dor era, por definição, a própria dor: um depósito ambulante – em contínua expansão – de dores.

– Minha mãe pereceu trazendo-me para fora de seu ventre – Dolores costumava dizer, com roufenha voz baixa e sobranceiras toldadas –, morreu sentindo dor. E sua morte, provocada por *mea culpa*, açulou uma cadeia de outras dores, especialmente em meu pai que, sozinho e movido pelo sofrimento insanável, batizou-me de “Dolores”.

Dolores sempre sentiu além de dor, que é sua condição identitária e inevitável, culpa. Durante sua infância, por exemplo, quando conseguia, na escola onde estudava, por breves e insignificantes instantes se libertar da culpa que carregava devido à morte da mãe, era observada a quase todo o momento pela estátua de um homem crucificado e ensanguentado que se localizava no principal corredor da instituição que se dizia laica. Aquela escultura torturada, sofrida e sangrenta engendrava, novamente, culpa no já destroçado coração de Dolores. Pois, infelizmente, disseram a ela, já bem cedo, que aquele homem havia sido torturado e morto por sua culpa.

A culpa foi aumentando cada vez mais dentro dela, chegando a níveis exorbitantes quando descobriu, na efervescência da adolescência, que se sentia atraída não somente por garotos, mas também por garotas. As sedutoras imagens dos corpos masculinos e femininos que desfilavam no pátio do colégio provocavam em Dolores galáxias inteiras de prazer e curiosidade, mas, ao mesmo tempo, fabricavam universos inteiros de culpa. Isso porque, infelizmente, ensinaram a ela, já bem cedo, que tudo o que se afasta do “normal” é errado. Dessa forma, o espírito de Dolores foi, gradativamente, sendo atrofiado, exaurido e encarcerado. Perdeu completamente o movimento e tornou-se um valetudinário.

Não merece menor destaque a culpa relacionada à alimentação. Como já foi mencionado, Dolores sentia, quase que ininterruptamente, diversos tipos de dores e culpas. Precisamente por esse motivo os prazeres da mesa eram potencializados, salientados, em contraste com a insipidez da vida. O regozijo de mastigar um pão quentinho recheado de cremosa manteiga em meio à dor era tamanho que ela necessitava comer sempre a mais do que era estritamente necessário para silenciar os borborigmos. Devorava por devorar, tragava por prazer. Pura e simplesmente. Como um Moloque lambaz. Ocorre que tanto a Ciência como a Religião censuravam o fenômeno. A primeira, classificando-o como “Compulsão Alimentar”. A segunda, nomeando-o como “O Pecado da Gula”. Destarte, o prazer da refeição era sempre breve, porque vinha seguido de uma poderosa culpa, duplamente legitimada, que o sufocava.

Caminhando de culpa em culpa, aos trinta e três anos Dolores, veneradora do sono desprovido de experiências oníricas, apreciava a breve sensação de síncope, de não-existência, de desligamento total da vida, que ocorria quando possuía a bem-aventurança de dormir profundamente sem sonhos, mergulhando, dessa forma, na tela preta do nada.

Existir, para ela, era um fenômeno pungente e por esse motivo acordar todas as manhãs era um perpétuo ciclo inquebrantável de martírios. Sentia-se como Prometeu, cotidianamente devorada por uma imensa ave de rapina de garras dilacerantes, todo profano dia, em céus que são sempre plúmbeos. Dolores, como Prometeu, desejava adormecer e não despertar jamais.

Obviamente ela possuía sonhos, sonornos e não-sonornos, só não se lembrava deles. Mas era exatamente desse inebriante cálice de Lete que Dolores apreciava sorver em grandes goles. O olvidamento era fundamental para ela justamente porque, como dizem alguns, recordar é viver. Desses sinônimos desejava se afastar Dolores.

Tudo mudou numa bela noite – o narrador utiliza o termo “bela” como artifício narrativo, mas Dolores provavelmente o abominaria –, quando a mulher dolorida e culpada sonhou e recordou. Despertou assustada e exsudada, lembrando-se, com detalhadamento literário, de sua experiência onírica.

Ela estava num bosque luxuosamente florido e iluminado pelos raios do astro incandescente em sua posição apoteótica. Havia fertilidade em toda a parte e os pássaros cantavam desesperadamente. Tímida, em meio a toda aquela explosiva manifestação pagã de vida que espocava de todo canto e de toda fenda, Dolores caminhou lenta e apreensivamente pisando, descalça, num verde gramado que lhe fazia cócegas nas solas dos pés.

– Não entre em pânico – ela ouviu de uma doce voz masculina que carregava sensualidade e que vinha de suas costas. Temerosa, Dolores olhou de soslaio na direção da voz e vislumbrou, assombrada, ninguém menos do que Pã.

– Mas, como eu poderia entrar em pânico perante tal divina criatura? – pensou Dolores, envergonhada e não podendo esconder o rubor, porque estava excitada e sentindo calores enquanto consumia, com os olhos, as animaiscoas coxas musculosas, jovens e peludas, os humanos ombros largos, os cabelos longos e caóticos, os cascos fendidos, o belo rosto e os três avantajados chifres; o terceiro deles, por sinal, estava despudoradamente destampado.

Pã notou que era cobiçado e sorriu, mas, sem rodeios ou divagações, desejoso de ir direto ao ponto aproximou-se e disse, trazendo na poderosa mão esquerda uma flauta de bambu de muitos tubos:

– Dolores, minha querida, vim visitá-la com o único intuito de brincar com seu nome. Sim, porque ele é composto, caso você ainda não tenha notado, de três notas musicais, a saber: Do, Sol, Ré. Coloque seus lábios em meu bambu e sinta essas notas nessa sequência.

Dolores, meio desajeitada e trôpega perante a forma naturalmente obscena que Pã falava, tocou as três notas em sequência lenta, na exata ordem sugerida pelo homem-bode, no instrumento mágico que brilhava a luz do sol. Imediatamente depois sentiu uma grande paz de espírito e uma leveza inenarrável, então olhou agradecida para a criatura cornífera que lhe despertava prazeres e liberdades de diversas ordens. Em resposta ao olhar, disse Pã em tom amável:

– Seu mal, Dolores, não é a dor – porque essa é tua condição e é através dela que sentirás mais intensamente o prazer, dessa forma o valorizando –, mas a culpa. Liberte-se dela Mulher! Não se sinta culpada por degustar frutos proibidos. Não permita que depositem pesadas mochilas em suas costas. Sua coluna, essa fabulosa serpente babilônica que carrega para onde vais, é muito valiosa. Cuide bem dela.

Dolores pretendeu devolver o instrumento a Pã, mas ele recusou delicadamente explicando que desde o momento em que Dolores soou a primeira nota a flauta passou a ser também dela. Com solene saudação de egrégio cavalheiro obsequioso, sorriso infantil e, ao mesmo tempo, olhar deliciosamente malicioso, Pã virou para a esquerda e rumou em direção a uma parte escura do bosque, um conjunto emaranhado de árvores e cipós que se assemelhava a uma gruta, uma espécie de toca. Durante o trajeto, provocou o voo anárquico e feliz de muitas borboletas multicoloridas.

Foi nesse preciso momento que Dolores *Despertou*.